



CURSO DE VIDA ESCOLAR ENTRE GERAÇÕES: TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO INTRAFAMILIAR A PARTIR DAS INTERPRETAÇÕES E PERSPECTIVA DOS SEUS MEMBROS¹

SANTOS, Tatiana de Souza Pinheiro dos
Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea.
Professora e gestora da rede pública de ensino de Salvador.
tati_educadora@yahoo.com.br

275

GOMES, Cristina
Doutora em População e Desenvolvimento.
Professora da Universidade Católica de Salvador
na Graduação e Programa de Pós-Graduação.
cristinagomesmx@gmail.com

RESUMO

Na contemporaneidade as instituições família e escola vêm tecendo interesses compartilhados em práticas que atendam as necessidades dos indivíduos no intuito de estimulá-los ao desenvolvimento de suas capacidades. O marco analítico do curso de vida individual explora as trajetórias das gerações numa delicada investigação que demarca o percurso destes membros nas instituições de ensino permitindo a identificação de possíveis entraves que favoreceram a interrupção, a descontinuidade ou o reingresso à escola, além de compreender o valor da educação e as aspirações familiares para as gerações futuras. Esse estudo longitudinal retrospectivo adota uma metodologia qualitativa baseada em entrevistas a três mulheres chefas de família, onde no mínimo duas gerações tenham estudado na mesma unidade escolar. Traça uma linha temporal histórica sobre momentos importantes que delineiam percepções e comportamentos diante dos estudos e do desenvolvimento humano onde os resultados demonstram o aumento da valorização da educação entre as gerações familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Educação entre Gerações – Família – Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT

In contemporary times the family and school institutions come weaving shared interests in practices that meet the needs of individuals in order to encourage them to develop their capabilities. The individual life course analytical framework explores the paths of generations in a delicate research that marks the route of these members in educational institutions allowing the identification of possible barriers that favor the interruption, discontinuity or re-entry to school, and understand the value education and family aspirations for future generations. This retrospective longitudinal study adopts a qualitative methodology based on interviews with three women family leadership, where at least two generations have studied in the same school unit. Draws a historical timeline of important moments that shape perceptions and behavior on the studies and human development where the results show increases in the recovery of education between family generations.

KEYWORDS: Intergenerational Education - Family - Human Development.

¹ Agradecemos as famílias que muito generosamente abriram não só as portas de suas casas e compartilharam intimidades profundas, mas também, se permitiram refletir e repensar suas atuações diante da vida em infinitas possibilidades.



PERSPECTIVA DO CURSO DE VIDA

O desenvolvimento da família e o desenvolvimento em família são eixos do amplo campo de pesquisa em sociologia que buscam compreendê-la como uma instituição em movimento que sofre alterações no tempo e na história, que muda e se ajusta junto e ao longo do curso de vida de cada um dos seus membros. Ao fazer escolhas e tomar decisões individuais, cada uma das pessoas da composição familiar assume papéis diferentes e em diferentes momentos que alteram a sincronia na vida particular, sobre si mesmas e na vida coletiva em família diante dos outros membros e da sociedade. Determinantes e decisivas, essas decisões interferem em toda dinâmica de vida familiar: sair de casa, mudança de endereço, mudança de trabalho, ingresso na escola, nascimento de crianças, separações, viuvez, são algumas das tantas resoluções individuais que afetam os ritmos de vida em família e que fincam um marco temporal na linha de desenvolvimento das pessoas envolvidas.

Estamos assim falando da sincronia entre as decisões particulares e a vida coletiva, que sofre adaptações ao longo do curso de vida das pessoas por condições históricas, econômicas e sociais. Ousaria acrescentar que até por razões afetivas e de pertencimento.

Ao pensarmos a família no contexto da sociedade, é bem-vinda a diferenciação entre as terminologias "ciclo de vida" e "curso de vida", pois a conceituação dessas expressam a essência do trabalho aqui proposto. Tal preocupação é trazida pela historiadora social Tamara Hareven, precursora em pesquisas sobre a história das mudanças sociais e geracionais na vida das famílias, pois, "às vezes, esses termos são usados como sinônimos, sem reconhecimento de seus significados e de suas implicações metodológicas" (HAREVEN, 1978).

A perspectiva do ciclo de vida familiar se move entre o início e o término dessa unidade coletiva. Concentra-se na identificação de etapas e nas mudanças de papéis e responsabilidades dos membros das famílias (ora filho, ora pai, ora avô), tomando por base o início do casamento e chegando ao falecimento do provedor (da fase inicial até a fase última do ciclo de vida familiar), em geral demarcada pelo gênero masculino.

No Brasil, as pesquisadoras Cerveney e Berthoud (1997) caracterizam o ciclo vital da família em quatro fases: 1. Família na fase de Aquisição – Momento inicial da convivência a dois em união oficial ou não e chegada dos filhos; 2. Família na fase Adolescente – Momento dos pais viverem a fase de adolescência dos filhos; 3. Família na fase Madura – Momento que



os filhos atingem a idade adulta e acompanham a maturidade junto com os pais; 4. Família na fase Última – Momento de envelhecimento dos pais e novas estruturas familiares.

Sendo assim, a perspectiva do ciclo de vida familiar faz uma abordagem do comportamento constante do grupo familiar e sua evolução no tempo, a partir da análise das etapas que caracterizam as mudanças na família enquanto uma unidade coletiva. Cabe salientar que essas fases se tornaram bem definidas e ganharam visibilidade com o aumento das taxas de natalidade e fecundidade, além do aumento da expectativa de vida após o século XIX, podendo então, a família experimentar as quatro fases do ciclo vital.

Essa perspectiva adota um modelo ideal de família nuclear composto por pai, mãe e filhos em um processo de etapas obrigatórias, mas não exprime a realidade e a diversidade das famílias existentes, e não contempla o recorte social das três famílias entrevistadas nesta pesquisa. Assim sendo, metodologicamente a perspectiva do ciclo de vida familiar poderia encobrir dados relevantes da amostragem desta pesquisa, já que a teoria representa somente uma parte da sociedade, que são as famílias nucleares completas heterossexuais, não permitindo a visibilidade e o reconhecimento de outras composições familiares, como as chefas de família sem cônjuge, que são frequentes em contextos de pobreza e conformam os casos contemplados neste estudo.

A perspectiva do curso de vida individual, segundo Hareven (1978), permite conhecer e explorar a grande diversidade de cursos de vida individual e de arranjos de famílias escolhidos pelos atores sociais, pois entrelaça o desenvolvimento das trajetórias individuais e coletivas. Esta perspectiva concentra-se nas transições entre papéis sociais adotados por cada sujeito, assim como as transições experimentadas entre a história de vida individual, familiar e coletiva, assim como na transição entre as opções e mudanças individuais e as alterações familiares na sociedade.

Hareven (1978) aponta três características essenciais à análise do curso de vida que são importantes para a sua aplicação histórica:

1. Tempo – O que implica a sincronia entre o tempo do indivíduo e o tempo das transições familiares. A interrelação de transições individuais muda configurações na família. A forma como os indivíduos se movem sobre sua trajetória de vida em unidades familiares, se agrupam e reagrupam e como as funções que tomam em diferentes grupos também variam significativamente sobre o seu percurso de vida;



2. Interação – Relação entre as transições do curso de vida e as mudanças históricas. Diz respeito aos impactos dos processos históricos sobre o momento de transições individuais ou familiares. Interação de fatores demográficos, sociais e econômicos;

3. Integração – Impacto cumulativo de curso de vida inicial sobre as transições subsequentes. Deslocamento através da história cuja experiência pessoal não é influenciada apenas por condições contemporâneas, mas também pela experiência nas transições anteriores. Essas transições são afetadas por um conjunto de circunstâncias históricas específicas ao seu próprio tempo que podem acumular efeitos no curso de vida.

Sendo assim, o curso de vida se refere ao indivíduo e considera os eventos que marcam as trajetórias de vida individual no tempo histórico, já que toma como base os deslocamentos dos indivíduos a partir da perspectiva de mudanças individuais (micro social), na família (meso social) e na sociedade (macrossocial).

Esse estudo destaca a terceira característica do curso de vida, a integração, pois a pesquisa aqui proposta interpreta a análise da trajetória educacional como valiosa ferramenta de afirmação, empoderamento e autorregulação, tão necessárias ao desenvolvimento humano em esferas individuais e coletivas de atuação ao longo da vida.

Portanto, compreender como se manifesta a escolarização e como esta é demarcada nas trajetórias individuais, nas trajetórias familiares, na trajetória das instituições de ensino e, como esses ajustes se refletem no desenvolvimento das sociedades; se torna primordial para demonstrar a relevância da educação e do papel do desenvolvimento humano e sua reprodução entre gerações, identificando o lugar que ocupa em cada importante momento histórico e como se movimenta ao longo da vida dos sujeitos entrevistados.

EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

O conceito de desenvolvimento humano se baseia na promoção das liberdades e das capacidades das pessoas para escolher e tomar decisões sobre sua vida. A educação, junto com a renda e a saúde, é uma das capacidades básicas que permite as pessoas promover seus objetivos para o exercício da liberdade.



As desigualdades sociais e a pobreza levam à privação das capacidades humanas. Por isso, a perspectiva do desenvolvimento humano estabelece uma relação entre pobreza e educação, uma vez que as pessoas de diferentes idades, gêneros, condições sociais, localizações espaciais e condições de saúde, apresentam diferentes possibilidades de ter acesso a uma educação de qualidade, saúde, renda, igualdade e liberdade.

De acordo com esta perspectiva, este estudo identifica três mulheres chefas de famílias que vivem na mesma comunidade e estudaram na mesma escola, procurando eliminar-se as diferenças espaciais de acesso à educação. Entretanto, duas delas são pobres e recebem o auxílio do Programa Bolsa Família, enquanto uma delas na mesma condição econômica não é contemplada por este benefício. Uma dessas mulheres tem uma deficiência física e recebe um salário pensão que complementa a renda familiar mensal. Desta forma, o estudo tenta mostrar os efeitos destas diferentes vulnerabilidades que afetam o desenvolvimento humano das mulheres, assim como as vidas de seus pais e seus filhos. Analisa-se as mudanças do valor da educação para estas mulheres, assim como seu percurso na construção de capacidades ao longo de suas trajetórias de vida, desde a infância até a idade adulta.

Os contextos da comunidade e do serviço público são controlados neste desenho metodológico, mas as heterogeneidades e vulnerabilidades pessoais e familiares entre gerações, como as deficiências, a idade e as mudanças nas condições sociais e renda ao longo da vida ganham destaque na construção do desenvolvimento humano e do valor da educação ao longo do tempo e entre gerações.

Desta forma, a perspectiva do desenvolvimento humano, combinada com a de curso de vida, permitem conhecer a formação e aproveitamento das capacidades das famílias, entre diferentes gerações, que receberam diferentes níveis de educação, bem-estar e liberdade para a tomada de decisões ao longo de seus cursos de vida em diferentes momentos históricos e econômicos da sociedade.

O estudo supõe que a relação entre renda e capacidades é afetada pela idade e pelo tempo histórico em que crianças, jovens e adultos ingressaram à escola e receberam apoios da família e do Estado para promover seu desenvolvimento humano. Por outro lado, permite conhecer como estas diferenças afetaram seu nível de renda e bem-estar na idade adulta, e também como estas diferenças afetam e dificultam o investimento de sua renda na construção de novas capacidades (SEN, 1990). Considerando que, para Sen, a pobreza de capacidades



pode ser mais intensa que a pobreza de renda, mesmo que sempre estejam vinculadas, destaca-se que a renda é um meio para desenvolver as capacidades, assim como um maior acúmulo de capacidades permitiria no futuro aumentar o nível de renda.

O estudo busca conhecer de que forma as políticas de educação adotadas na escola e suas mudanças no tempo se combinam com as condições de vida, bem-estar e outras condições individuais de cada mulher e de cada geração, promovendo o valor e o aproveitamento da educação oferecida na escola.

MÉTODO DE PESQUISA QUALITATIVA

Diante da perspectiva de desenvolvimento humano, esta pesquisa compartilha os componentes multidimensionais propostos por Amartya Sen e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. Sendo assim, reconhecer e valorizar que “as pessoas são a verdadeira riqueza de uma nação” e o seu desenvolvimento é marcado por um conjunto de capacidades e oportunidades que garantem sua liberdade de decisão e escolha, é, portanto, instrumentalizá-las em acesso e condições de permanência nos estudos para exercício das liberdades intelectuais humanas.

A pesquisa traz a análise do estudo longitudinal retrospectivo adotando uma metodologia qualitativa baseada em entrevistas a três mulheres chefas de família, onde no mínimo duas gerações tenham estudado na mesma unidade escolar localizada em bairro periférico de Salvador. Traça ainda uma linha temporal histórica sobre eventos importantes e apresenta resultados parciais das entrevistas que delineiam percepções, comportamentos e atitudes diante dos estudos e do desenvolvimento humano.

Os dados obtidos através do roteiro de entrevista e questionário revelam as aspirações, atitudes e práticas dos participantes, alunos egressos ou não, cujos filhos também estejam com matrícula regularmente ativa, por assim permitir um melhor acompanhamento da sua trajetória através dos registros avaliativos de continuidade e de rendimento escolar da instituição.

O objetivo geral da pesquisa é gerar conhecimento e evidência científica sobre a educação entre gerações das famílias e a relação direta com o desenvolvimento humano, analisando as interações pertinentes entre o curso de vida escolar e ascensão social dos



membros de famílias que frequentaram a mesma escola. Permite ainda identificar vulnerabilidades e entraves processuais intensificados no percurso vivenciado no cotidiano das relações familiares e na atuação da escola junto a elas, em diferentes momentos do tempo, marcados pela entrada de cada geração da família na escola ao longo de décadas (HAREVEN, 1978).

A metodologia embasada na pesquisa foi aplicada em etapas distintas e intersessivas: a primeira delas foi a pesquisa de marco teórico, tomando como base o levantamento do acervo bibliográfico já existente em livros e artigos científicos. A segunda foi definir o desenho metodológico e o levantamento dos colaboradores e participantes. A terceira etapa foi o contato direto com as famílias e a aplicação dos questionários que exploravam as experiências pessoais, as familiares e as geracionais, sendo priorizado a escuta da segunda geração (mães). Para preservar as suas identidades e manter o sigilo nas informações prestadas, foram nomeadas na pesquisa de “Mãe 1”, “Mãe 2” e “Mãe 3”, visto que nas três famílias analisadas, a mulher assume a chefia e acumula todas as funções de liderança demandadas pelo contexto familiar.

Este momento foi marcado por profunda interação na mediação entre entrevistadora e entrevistadas, na tentativa de estabelecer uma maior aproximação entre ambas, o que caracteriza o método etnográfico, visto que este pode ser identificado no enriquecimento dos diálogos, propiciando a representatividade dos sujeitos à riqueza das informações subjetivas, localizando-os em um contexto histórico e social. Assim, a investigação etnográfica transcende a mera descrição, pois permite ao pesquisador interpretar a realidade e possibilita a postura crítica diante do meio investigado (FONSECA, 1998).

Na análise dos resultados puderam ser descritas as características das entrevistadas e a informação qualitativa extraída do seu discurso, a qual abarca desde a percepção e o valor da educação para essas genitoras, como sua atitude frente a escola e suas práticas de estudo e resultados concretos, no desempenho escolar, no seu impacto na vida laboral e na educação dos seus filhos.

Os resultados das entrevistas desenham o panorama da educação no contexto familiar através das experimentações dos participantes e da compreensão aprofundada deste processo em diferentes famílias, conforme princípios do método qualitativo, já que o mesmo busca diferenciações e especificidades. Minayo (2009, p.90) reitera essa afirmação:



“A validade externa pretendida dentro da perspectiva qualitativa é a que se refere à possibilidade de geração de conhecimentos que contribuam para o aprofundamento conceitual ou analítico, por meio da elaboração de tipificações ou de lógicas culturais. Esses achados permitem a melhor compreensão do grupo estudado e o refinamento de categorias empíricas que podem ser utilizadas em estudos de outros grupos sociais e de instrumentos padronizados”.

Pode ser observada a possibilidade de leitura das práticas sociais inerentes ao papel da escola diante das famílias e a tentativa de reconstrução do real, através do resgate de memória e do trajeto imaginário, auxiliando na captação das riquezas relatadas no discurso sobre o curso de vida dos sujeitos analisados já que a produção destes conhecimentos foi fiel aos fatos.

RESULTADOS ALCANÇADOS

As três mães entrevistadas têm idades entre 41 e 51 anos. As três exercem a chefia da família: Mãe 1 é deficiente física, apresenta limitações de locomoção e coreside com os dois filhos e a avó deles, a qual necessita dos seus cuidados; Mãe 2 mora com a filha enquanto o marido reside e trabalha em São Paulo (não se vêem a meses quando ela retornou a Salvador para morar próximo aos pais); Mãe 3, embora conviva na mesma casa com os nove filhos e o marido, este pai não tem qualquer influência sobre a família, ficando também sob os cuidados da esposa. Além deste pai não ter uma ocupação formal e pouco contribuir na renda familiar, também apresenta dependência alcoólica, uma vulnerabilidade que traz, segundo a entrevistada, alguns problemas na harmonia das relações em família.

Cada uma dessas famílias apresenta renda baixa para as suas necessidades de manutenção. As casas não têm um local específico para estudar. São residências bastante simples e em um dos casos as condições de alojamento são precárias:

“Fica meio complicado a gente falar porque... uma parte com teto outra sem, né? Portas... é... sem portas. Na verdade, houve uma queda de telhado e até hoje não tivemos condições de terminarmos, né? Então assim... incompleta. É tipo aquela casa... Era uma casa muito engraçada, né?... Mas é assim a minha casa hoje, né? (Mãe 3).

Em todos os três casos as mães apresentam poucos anos de escolarização com presença de abandono em todos eles. A Mãe 3 retomou os estudos muitos anos depois na mesma escola,



mas com pendência em uma disciplina, não conseguiu concluir essa etapa. Elas consideram a renda que conseguem para o sustento da família compatível com os poucos anos dedicados aos estudos, visto que elas mesmas sinalizam que o mercado de trabalho faz exigências que elas não têm como corresponder. Ao perguntar se elas consideram se os anos de estudo que tiveram são compatíveis ao nível de renda obtida com o seu trabalho, respondem:

“É sim” (Mãe 1).

“Eu acho que é a mesma coisa. Pouco. Eu estudei pouco” (Mãe 2).

“Eu estudei muito pouco. Eu podia ter feito mais. Mas eu acho que não, porque quando você faz... o seu trabalho condiz, você pode fazer... mas as pessoas hoje até mesmo por uma condição de suas rendas, não estão tendo condição de pagar o suficiente, o necessário e o que realmente... Como é que chama? Como eu posso falar? O preço dado mesmo por uma faxina. Nem todo mundo pode pagar. A gente acaba diminuindo. É equivalente sim” (Mãe 3).

A renda familiar em nenhum dos casos é comprometida em valor significativo para os fins de estudos dos filhos, visto que, os gastos com a educação não são regulares, pois, existe a compensação de alguns benefícios conforme sinalizados pelas mães:

“Nos estudos nada. A minha filha estuda na escola, é... pública. Na prefeitura né?” (Mãe 2).

“O estudo hoje eu posso dizer assim... que graças a Deus hoje nós temos a alegria de ter uma farda dada pela escola. Os livros... mas com questão aos cadernos, por exemplo... os meninos gastam dois cadernos praticamente por ano, porque tem aquela questão das matérias agora, graças a Deus tem essas coisas. Tipo assim eu nem sei te dizer... Não. É só minha mãe acabou isso. Minha mãe acabou aquilo. Então a gente vai lá e compra porque tem necessidade mesmo” (Mãe 3).

Em relação ao acesso a escola quando criança, a Mãe 1 relatou não ter tido dificuldade de inclusão embora seu ingresso tenha sido em idade avançada. Já as Mães 2 e 3 relataram dificuldades de ingresso por razões familiares. A necessidade de garantir a sobrevivência e a alimentação para a família era mais emergencial. As mães 2 e 3 iniciaram os estudos em idade distorcida apesar da disponibilidade da escola muito próxima as suas residências:

“Ah... eu tava com uns treze, catorze anos (1980). Foi mais ou menos isso.

Ah naquela época as crianças entravam com sete anos na escola, não é isso?

Eu acho que sim. Eu acho que entrei tarde sim” (Mãe 2).



A Mãe 3, quando abandonada pela genitora aos 8 anos de idade, teve que auxiliar o pai na criação dos cinco irmãos mais novos e com isso precisou trabalhar nas casas próximas em troca de refeições. A Mãe 1 ajudava sua mãe “ganhadeira”² a lavar roupas, ofício que segue até hoje, a Mãe 2 também realizava a mesma atividade. Em Itapuã “lavar roupa de ganho” era uma atividade muito comum décadas atrás. As famílias de maior nível econômico veraneavam e as ganhadeiras eram contratadas para lavar as roupas de toda casa além de realizar outras atividades domésticas.

“A minha infância foi muito péssima (risos). Foi muito ruim mesmo. A gente passou muita necessidade. Necessidade financeira... então não só eu como meus irmãos todos. Então a nossa infância não foi muito boa não. Precisei trabalhar. Minha mãe na época lavava roupa de ganho e eu ia com ela com as bacias de roupa para lavar roupa, né? Então foi muito sofrida a nossa infância. Era escadinha. Minha mãe teve sete filhos. Então não foi fácil pra gente não. Nem pra ela. Nem pro meu pai também. Eles faziam o que podiam pela gente, mas eles não podiam fazer muita coisa também” (Mãe 2).

“...E aí foi complicado porque pra tomar um café pela manhã eu tinha que sair de casa e limpar a rua, limpar assim a casa de alguém. Naquele tempo se chamava a frente da casa de terreiro. Tinha muitas árvores, tinha que limpar, catar folhas... depois sentava no cantinho alguém vinha e me dava um café. Meio dia era a mesma coisa e aí quando terminava ali tinha que lavar os pratos. Não tinha tempo né?... de ir a escola e aí é engraçado que eu ficava pegando o caderno, jornal e ia pra porta da escola e as professoras achavam graça: - Porque você não vem estudar? Aí não tinha como. Muitos anos depois meu pai foi me colocar na escola tive que parar justamente porque tive que trabalhar.

Eu tinha nove pra dez anos. Eu almoçava meio dia e como era à tarde eu tinha que lavar os pratos primeiro nos lugares onde eu almoçava. Chegava na escola sempre atrasada. Então nunca tinha né?... nunca podia pegar o livro para estudar na hora das provas. Tinha vontade mas na hora das provas a cabeça não dava, começava a pensar nas coisas, na situação da casa mesmo e começava a ficar triste e aí... agradeço a Deus. Eu tinha tanta vontade de ler, a minha vontade era tanta, tinha tanta vontade de estudar que tudo que eu pegava eu começava a ler e as pessoas que eu trabalhava na casa quando eu via

² As ganhadeiras de Itapuã era o nome dado a mulheres que para sustentar suas famílias preparavam quitutes culinários ou realizavam algum tipo de serviço de mão de obra como faxinas, preparo de alimentos e lavagem de roupas. Muitas saíam de suas residências com balaios de palha na cabeça para vender suas iguarias (beijus, cocadas, bolos, mingaus, peixes fritos, acarajés...). Hoje As Ganhadeiras de Itapuã é uma associação cultural com o objetivo de preservar essas tradições através das suas apresentações artísticas e musicais e, da socialização de trabalhos educativos. Essa valorização da cultura local e das mulheres é transmitida ao longo do tempo através de suas gerações familiares: de mãe, para filha, para neta.



os filhos estudando eu ficava escutando né?... geralmente eles ficavam estudando em voz alta e aí foi tanto que agora nesse Telecurso até em inglês eu consegui tirar nove. Porque eu tinha curiosidade, eu ficava naquela coisa curiosidade de ler. As meninas ficavam “X + Y”. Eu ficava... achava aquilo bonito, mas eu... Meu sonho era ser engenheira que não se realizou...” (Mãe 3).

Das três mulheres entrevistadas, pode ser observado que existe uma identificação das famílias com a escola. A condição preexistente de que as famílias contassem com pelo menos duas gerações (mães e filhos) que estudaram na mesma escola é vista como ponto positivo para a análise, bem como o fato delas pertencerem à mesma comunidade (escola e família).

Identificam-se avanços na qualidade dos serviços prestados pela instituição ao longo dos anos de funcionamento dos quais podem ser destacados aumento dos índices de educação nas avaliações internas e nas avaliações externas tais como: IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, aonde a unidade de ensino vem apresentando progressão a cada resultado divulgado; e a grande procura por vagas traduz o reconhecimento das famílias em ver a escola próxima como uma instituição séria e comprometida com a comunidade.

Segundo relatos das mães entrevistadas, a proximidade com a residência traz maior segurança e comodidade:

“Livra as crianças de violências na rua” (Mãe 1).

“Tem várias vantagens. Porque não pega condução. É perto, vai a pé vem a pé” (Mãe 2).

“Isso é bom por vários motivos: primeiro por poder estar presente né? Muitas vezes eu não vou a uma reunião, mas eu sempre passo e pergunto: - Como tá pró? Dou uma chegada na porta da escola e pergunto”(Mãe 3).

As mães podem levá-los e trazê-los ou até mesmo fazer visitas à unidade de ensino com maior frequência, mantendo uma melhor relação com os professores e auxiliando os filhos em suas limitações de aprendizagem. Essa mudança ocorreu porque os pais passaram a valorizar também esta escola mais próxima de suas residências, uma vez que a escola implementou os projetos pedagógicos em consonância com as necessidades locais, valorizando e validando as pessoas do lugar e a cultura inerente ao bairro.

A atuação dos pais na tomada de decisões junto à gestão no Conselho Escolar, participando das formações e convocações as reuniões, registram sua importância neste cenário



e os envolve na mesma esfera de corresponsabilidade pelo desenvolvimento acadêmico dos filhos.

“Eu sinto falta de estar aí (Conselho Escolar). Tanto que quando eu não pude mais estar, eu tentei voltar mas aí já tinha havido outra eleição né? Foi ótimo né? Reuniões fora da escola. Você poder participar. Poder saber o que está acontecendo. Poder passar para os seus filhos isso. Para as pessoas ao redor da comunidade em si né? Como é a escola. O que se trata, sobre tudo que se diz na escola. Tive oportunidade de... até tá com o secretário de educação no Colégio X, foi uma experiência, de conversar, de saber o que eles tinham pra falar... Na época das formaturas que a gente tava tentando ver se ele botava na escola. Então pra mim foi ótimo” (Mãe 3).

O fato de funcionários (serviços gerais, auxiliares, professores, gestão) morarem na comunidade é visto como ponto positivo pelas famílias, segundo elas, demonstra-se maior comprometimento e melhor acesso a eles. Permite também um maior controle tanto dos pais como da instituição sobre a qualidade do trabalho prestado pelo quadro funcional.

Os pais desejam que os filhos tenham um maior nível de escolarização do que o alcançado por eles.

“Eu quero ir para a formatura da faculdade dele” (Mãe 1, Mãe 2 e Mãe 3).

Afirmam que a difícil condição financeira na infância, a quase inexistência de escolarização dos pais e a falta de incentivo deles foram fatores que implicaram nos seus estudos, levando ao abandono escolar precoce:

*“A minha mãe mais meu pai falavam: - Vai para a escola, mas eles também tinham pouco... pouco assim de instrução. Mas eles mandavam a gente para a escola. Eu queria ser mais incentivada. Incentivar mais. Que fosse mais rígido. Que fosse mais rígida nos estudos. Você tem que ... estudar. Igual eu faço com a minha filha. Você tem que estudar, fazer a lição, fazer o dever. Tem que fazer assim né? (risos)
Talvez seria melhor (risos)...” (Mãe 2).*

Das três famílias analisadas, em uma a mãe retomou aos estudos depois dos filhos crescidos e a sua fala revela que mesmo em condições de pobreza, as mães investem nos estudos dos filhos como garantia de um futuro melhor do que o que tiveram. As mães acreditam que seus filhos poderão concorrer no mercado de trabalho em condições menos desiguais que as enfrentadas por elas.



“Eu gostaria que eles entendessem a importância que tem estudar e que nunca é tarde. Eu queria que eles tivessem em mim o exemplo. Não, se minha mãe pode. Se minha mãe que trabalha, que se cansa, chega em casa cansada, ainda vai a escola porque é que eu não posso. Porque assim, o que eu não tive eu gostaria que os meus filhos tivessem, porque eu tento dar a eles o que eu não tive” (Mãe 3).

Enquanto professora, considero essencialmente importante e consciente por parte dessa genitora enquadrar-se no universo dos filhos através da escolarização, para poder também fazer exigências pertinentes à sua função de chefia familiar. Se a melhor forma de educar é através do exemplo, é perceptível a consistência de corresponsabilidade desta mãe.

Apenas a Mãe 3 apresentou grande quantidade de filhos (nove) enquanto as outras Mães 2 e 1 tiveram, respectivamente, um e dois filhos.

Nessa família numerosa apenas os dois filhos mais jovens (11 e 13 anos) estão estudando juntos em classe diurna, e já apresentam idade distorcida em relação ao ano de escolarização.

Os demais filhos (idade entre 15 e 32 anos) apresentaram uma descontinuidade significativa após conclusão da primeira etapa do ensino fundamental (1º ao 5º ano - fundamental I) com interrupções e reingressos à escola e uma defasagem idade/série considerável.

As mães afirmam acompanhar a aprendizagem dos filhos. Seguem dizendo que só elas assumem essa função na família:

“É só eu mesmo que acompanho. Quando chega logo da escola eu mando ela se apressar. Também a questão da lição, eu fico olhando dos deveres dela se está tudo em ordem, se ela está fazendo direitinho. Ah sim. Incentivar ela com certeza, eu falo sim para ela prosseguir nos estudos que é muito importante. Eu desejo um futuro bom pra ela. Preparar ela pra enfrentar o mundo. O negócio é estudo. O estudo é muito importante” (Mãe 2).

Das três famílias, apenas uma não recebe benefício social vinculado à educação (Bolsa Família), apesar da família já ter feito duas inscrições e não ter sido contemplada. As mães que recebem o benefício afirmam ter uma postura responsável com os estudos independente das exigências do programa social:



“Tem. O Bolsa Família. É a criança... o aluno não pode deixar de está na escola, tem que está frequente na escola. É assim, eu acho que estar na escola é obrigação. É obrigação independente do benefício, é obrigação. O benefício pra mim assim, ele serve... eu trabalho e é como eu falei pra você, nem sempre eu tenho o dinheiro o suficiente e ele me ajuda bastante” (Mãe 3).

A Mãe 1 também recebe uma pensão do pai e é a genitora portadora de uma deficiência física. Nos dois casos de famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa Família, as mães afirmam ter melhorado sua condição de vida com este apoio do programa social. Usam a renda também em prol da educação dos membros das famílias.

Apesar da escuta nesta pesquisa ter privilegiado a segunda geração (mães), em todos os casos os irmãos dessas genitoras também estudaram nessa mesma escola quando crianças. Em duas famílias os pais dessas genitoras ingressaram nesta escola em idade madura, após ter constituído família e os filhos já estarem crescidos.

A Mãe 2, tem um pai de 90 anos frequentando esta escola em classe do EJA (Educação de Jovens e Adultos) e mesmo com muita dificuldade para acompanhar o desenvolvimento da turma, é assíduo e participa de todas as atividades desenvolvidas com muita alegria, prestigiando a oportunidade de hoje retomar os estudos, uma vez que na infância não teve esse direito respeitado. Seus pais também eram analfabetos e frequentar a escola era visto como algo desnecessário, pois, isso não alterava a rotina da família. A educação não acrescentava valor algum. Quando este senhor ingressou na escola pela primeira vez aos 37 anos não conseguiu conciliar as responsabilidades da família, do trabalho e da escola. Hoje, depois de cumpridas suas “obrigações”, foi buscar na sua trajetória passada um tesouro perdido no meio do caminho.

*“Ah eu acho muito... eu acho muito interessante. Eu admiro muito ele. Eu queria ter também essa vontade. Voltar a ter aquela...(risos). É verdade. É porque... traz sim porque ele já ta fazendo o nome dele, não ta mais aquele garrancho. Ta bem mais, sabe. Eu achei que ta bem melhor.
Também a convivência que ele fala que gosta das professoras, dos amigos lá. Faz amizade, também conversa. Também distrai ele, nesse sentido também” (Mãe 2).*

A mãe 3 também traz a experiência do pai ter frequentado a escola pela primeira vez em idade madura, após ter sido abandonado pela esposa e ter assumido sozinho a responsabilidade de educar os seis filhos; mesmo apresentando problemas psicológicos acarretados pela perda da companheira.



“Acho. Acho porque ele trabalhava, ele tinha muitos problemas aqui em casa, Ele tinha preocupação com a gente e tinha questão do lembrar da minha mãe né? Ele gostava muito dela. Então pra mim aquilo ali pegou justamente pra tirar um pouco da preocupação, dos pensamentos que não iam levar ele a lugar nenhum.

Meu pai, eu me lembro de meu pai ali na porta da escola. Antigamente tinha uma pastazinha de eclair, ele colocava debaixo do braço (rsrsrs)... eu achava engraçado porque... naquela época chamava Mobral que era o Movimento Brasileiro de Alfabetização. Não sei se você já ouviu falar nisso?” (Mãe 3).

A família da Mãe 3 apresenta algumas vulnerabilidades que estudos apontam como obstáculo a serem superados: situação de extrema pobreza, número grande de filhos, gravidez na adolescência, abandono dos estudos, baixa escolaridade e problemas de saúde de outros membros da família, como o alcoolismo, dependência química de um filho, perda de membros da família, envolvimento de um membro em homicídio e prisão, por isso essa combinação de fragilidades adicionais explica um resultado de maior desvantagens no desenvolvimento humano, trabalho e renda de todos os membros da família.

GRÁFICO DA LINHA TEMPORAL EM EVENTOS DO CURSO DE VIDA DA MÃE 3

ANO	1963	1971	1971	1972	1974	1979	1979	1982	1990	1991	1993	1995	1996
FATO HISTÓRICO	Nascimento	A genitora abandonou a família	Começou a trabalhar	Os seis irmãos são separados	Ingressou na escola	Abandonou os estudos	Reencontrou a mãe	Nasceu o 1º filho	Casou-se	Nasceu o 2º filho	Nasceu o 3º filho	Nasceu o 4º filho	Nasceu o 5º filho

ANO	1998	1999	1999	2000	2001	2001	2003	2003	2006	2008	2008	2014	2014
FATO HISTÓRICO	Nasceu o 6º filho	Nasceu o 7º filho	Separou-se	O pai faleceu	Nasceu o 8º filho	Reatou o casamento	Venceu a dependência do álcool	Nasceu o 9º filho	Retomou os estudos	Abandonou os estudos novamente	A filha adolescente engravidou	5º filho sai de casa	4º filho vai preso

As entrevistas e os encontros presenciais, ouvindo e participando do cotidiano das atividades desta família, permitiram a identificação parcial do movimento de cada membro em



distintas atuações. Este processo de cooparticipação sinaliza para a merecida apuração em profundidade sobre os eventos mencionados acima, podendo estes, aliados ao contexto histórico, social e as condições econômicas, dar pistas do cenário presente de tantas discontinuidades educacionais e a presença ameaçadora de vulnerabilidades que confirmam as dificuldades de contextos familiares empobrecidos ultrapassarem os empecilhos em prol do pleno desenvolvimento das pessoas, das famílias, das comunidades e das sociedades.

Pesquisas em educação como em tantas outras áreas trazem em seu contexto um rico emaranhado de subjetividades que exige do investigador despir-se das suas afirmativas pessoais para compreender em que situações elas se instalam, progridem ou se calcificam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As famílias contemporâneas reconhecem o valor da educação e consideram importante o papel das instituições educacionais e das famílias que atuam em prol do melhor desenvolvimento dos indivíduos e da comunidade, aumentando o valor da educação para as novas gerações.

Estabelece-se uma parceria que aqui é entendida como uma atuação eficaz de ambas as instituições com comprometimento e exercício de seus deveres e direitos para uma melhor qualificação da vida social dos sujeitos sociais no reconhecimento e concretização das suas potencialidades. Desta forma, assegurando possíveis mudanças necessárias aos contextos da vida individual das novas gerações e do desenvolvimento da vida coletiva na família e na comunidade.

A afirmativa dessas mães quando questionadas ao acompanhamento escolar dos filhos ser sempre positiva é a resposta que todo educador deseja ouvir, mas também é considerável investigar a eficácia em prática dessa informação. Em que medida de fato se constata o acompanhamento desta segunda geração as gerações futuras em envolvimento com o seu comprometimento e desempenho escolar? O que essas mães com baixa escolarização entendem sobre acompanhar a vida escolar de seus filhos/ netos e de que maneira efetiva elas participam desse processo no panorama atual da educação? Existe uma rede de apoio externa ao convívio familiar que possa ser acionada ou que essas famílias possam ser assistidas em suas



dificuldades de aprendizagem escolar? As instituições de ensino agregam aos Projetos Políticos Pedagógicos e as atividades rotineiras questões norteadoras ou temáticas transversais que atendam aos anseios das famílias por elas assistidas?

O resultado revela que a educação é vista como impulso para as famílias melhorarem de vida, para alcançarem um maior nível de bem-estar e de desenvolvimento humano. Neste sentido, as mães contribuem para superar os índices educativos e de bem-estar das gerações anteriores fazendo um exaustivo esforço para afastar as crianças do trabalho ou qualquer outra ocupação que lhes desvie dos estudos, projetando assim, nas gerações futuras novas perspectivas de acesso, permanência e sucesso na escola e para a inserção no mercado formal de trabalho com as garantias trabalhistas. O estudo ainda proporcionou a reflexão sobre a práxis pedagógica permitindo levantar hipóteses ou questionar como os processos de descontinuidade e fracassos ainda são tão presentes em determinadas famílias, em especial na família da Mãe 3, que acumula uma série de vulnerabilidades adicionais.

O depoimento das mães em relação aos seus estudos revelam interrupções após a conclusão da 4ª série, permitindo traçar algumas suposições ainda não confirmadas pelo presente estudo: mudança para escolas mais afastadas das residências com menor acesso dos pais; dificuldades dos pais em acompanhar e auxiliar os filhos em suas limitações de aprendizagem, já que também tiveram poucos anos de escolarização; relações mais afastadas entre pais e professores, devido à dinâmica de aulas por áreas de conhecimento; dificuldades dos alunos em acompanhar aulas segmentadas com muitos professores, em alguns casos sem referência da autoridade em sala de aula; dificuldades de identificar a quem se reportar em situações conflitantes peculiares à idade adolescente; ausência do sentimento de pertencimento a escola por parte dos alunos e famílias ou reconhecimento da sua cultura no currículo escolar.

Desta forma, a ruptura de trajetórias de baixo desempenho e repetência indica necessidade de superação, primordial a toda sociedade inovadora, desenvolvida e democrática. Essa pesquisa não tem a pretensão de esgotar as sentenças sobre a educação entre gerações familiares, mas sim buscar inspiração nas próprias fontes para atender os contextos de afirmação e negação ao qual são submetidas.

O fato das mulheres entrevistadas chefiarem suas famílias demonstra redução da vulnerabilidade ao reivindicar direitos sociais, além de refletir na diminuição das desigualdades de gênero, fatores estes que facilitam o desenvolvimento humano, conforme abordagem trazida



por Sen afirmando sua autoridade no espaço doméstico e na mudança da percepção sobre o valor da educação, como cidadãs. Sendo assim, a melhoria nas condições de vida, a inclusão social, a educação e a qualificação sugerem reflexos de empoderamento individual e relacional das mulheres. As etapas vivenciadas por estas ao longo de sua existência demarcam trajetórias de continuidades e mudanças que se iniciam e se finalizam constantemente para elas e para seus filhos. A partir de atitudes singulares ou coletivas as pessoas são beneficiadas ao mesmo tempo de eventos históricos que impulsionam o desenvolvimento, através da ampliação e prática das suas capacidades libertadoras, elevando os índices de qualidade de vida em seus aspectos mais críticos como o enfrentamento da pobreza, maior acesso à saúde, elevação dos índices de emprego e renda e principalmente a diminuição das taxas de analfabetismo, que prejudicam o progresso das sociedades e a condição consciente de autorregulação no seu processo civilizatório.

Entretanto, por outro lado, outras vulnerabilidades sociais, particularmente a violência e dependência química, são fatores que promovem rupturas nestas conquistas associadas ao desenvolvimento humano. Como conclusão, a integração das políticas sociais com as políticas educativas é indispensável para que a educação tenha um impacto mais amplo sobre os avanços em desenvolvimento humano entre gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

FONSECA, Claudia. *Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação*. XXI REUNIÃO ANUAL DA ANPED, Caxambu, 1998.

HAREVEN, T. K. *Cycle, courses and cohorts: reflections on theoretical and methodological approaches to the historical study or family development*. 1978. Disponível em: <http://jsh.oxfordjournals.org>. Acesso em 26 de março de 2014.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S.G. & SOUZA, E. (Org.). *Avaliação por triangulação de métodos*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005.

MINAYO, M. C. S. Construção de indicadores qualitativos para avaliação de mudanças. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Vol.33 Supl.1, Rio de Janeiro: 2009.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras: 2000.